

EFEITOS ADVERSOS ASSOCIADOS AO USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA GESTAÇÃO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Izabelle Ohane Xavier de Medeiros¹, Maysa Giovanna Barros Alves², Andry Louhanny Mendes Barbosa², Izadora Camila de Lima Arnaud², Luana Batista da Fonseca²

¹Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Brasil (izabelleohane@gmail.com)

²Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Brasil

Resumo: O consumo de plantas medicinais durante o período gestacional podem ser prejudiciais para a saúde materna e fetal. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar os efeitos adversos associados ao uso de plantas medicinais durante a gestação, bem como identificar as principais espécies utilizadas e destacadas na literatura que podem acarretar algum risco durante este período. Para isso, o presente estudo, realizou uma revisão de literatura e identificou diversas espécies com efeitos potencialmente abortivos.

Palavras-chave: Chás medicinais; Gravidez; Efeito adverso; Aborto.

INTRODUÇÃO

O uso das plantas medicinais com poder curativo é uma prática milenar que se estende até a contemporaneidade devido apresentar propriedades terapêuticas medicinais e fitoterápicas que passam por gerações, sendo muitas vezes empregada como terapia complementar aos tratamentos (Nunes; Maciel, 2016; Pedroso; Andrade; Pires, 2021).

Diante disso, o consumo das plantas medicinais para profilaxia e tratamento também está relacionado à facilidade do acesso e ao baixo custo, uma vez que, quando comparadas com produtos e medicamentos industrializados, possuem um valor mais acessível. Nesta perspectiva, Arruda *et al.*, (2021) relatam em seu estudo que cerca de 65 a 80% da população mundial não têm acesso ao atendimento primário de saúde e por isso recorrem à medicina tradicional em busca de alívio para muitas doenças.

O aumento do consumo das plantas medicinais pela população despertou o interesse da comunidade científica incitando o estudo e a regulamentação do uso de espécies medicinais e fitoterápicos por meio do Ministério da Saúde (MS) exigindo que, para haver a comercialização pela indústria e comércio farmacêutico brasileiro, seria necessário que tais produtos ao ser comercializados tivessem sua eficácia e segurança validadas, inclusive para o uso durante a gravidez (Araújo *et al.*, 2022).

No entanto, mesmo com pesquisas a informação relacionada aos efeitos adversos não se propaga com facilidade até a população, visto que possuem fácil acesso a essas plantas, uma vez que podem ser encontradas no quintal de casa, nos jardins ou nas hortas. Além disso, são de baixo custo e não possui a

necessidade de receituário médico, dispensando a ida até uma loja de produtos naturais ou farmácias para aquisição da erva medicinal (Duarte *et al.*, 2017; Araújo *et al.*, 2022).

Todavia, devido a variedade de espécies presentes no Brasil, boa parte da população fazem o uso e preparo das plantas medicinais apenas com conhecimentos adquiridos com seus antepassados, gerando muitas vezes o uso inadequado e reações adversas que ocasionam discussões acerca dos quesitos de farmacovigilância para avaliar benefícios e riscos a respeito do seu consumo (Leal; Tellis, 2015; Ferreira; Vasconcelos, 2022).

Assim, é válido ressaltar que o conhecimento e a identificação correta da planta é fundamental para garantir sua eficácia e segurança, visto que a ausência de informações a respeito gera o uso irracional podendo causar prejuízos ao indivíduo consumidor, tais como efeitos adversos, carcinogênicos, hepatotóxicos e nefrotóxicos (Nunes; Maciel, 2016; Pedroso; Andrade; Pires, 2021).

Durante a gestação, ocorre uma série de modificações no organismo feminino, tanto do ponto de vista físico (ganho de peso, alterações posturais, enjoos, flatulência, constipação e alterações hormonais) como do ponto de vista emocional (ansiedade, depressão, entre outros), que começam na primeira semana de gestação e perduram por todo o período gestacional. Entretanto, durante a gravidez é comum que as mulheres tenham restrição quanto ao uso de determinados medicamentos. Por isso, muitas gestantes buscam a solução em produtos naturais, a fim de atenuar alguns sintomas advindos do período gestacional e alguns problemas de saúde que podem surgir, como gripes e resfriados, por acreditarem que

eles não farão mal a sua saúde e a saúde do seu feto (Gorril *et al.*, 2016).

Contudo, a falta de conhecimento sobre os efeitos adversos de algumas espécies e o consumo indiscriminado de plantas medicinais durante a gestação, requer uma grande atenção, pois algumas ervas medicinais podem ser prejudiciais para a saúde materna e fetal, uma vez que podem apresentar efeitos potencialmente abortivos e teratogênicos (Nunes; Maciel, 2016; Campos; Correia; Marisco, 2020; Vilela; Araújo; Gil, 2020).

Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo investigar os efeitos adversos associados ao uso de plantas medicinais durante a gestação, bem como identificar as principais espécies utilizadas e destacadas na literatura que podem acarretar algum risco durante este período.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, de natureza qualitativa, apresentado sob a forma de revisão de literatura que teve como questão norteadora: Quais os efeitos adversos associados ao uso de espécies medicinais durante a gestação mais mencionadas na literatura?

A busca por artigos científicos foi realizada por meio das bases de dados SciELO e Google acadêmico. Os idiomas priorizados foram inglês e português e utilizou-se os descritores *medicinal plants*, *pregnancy* e *adverse effects*, que foram empregados em combinações em seus termos tanto em inglês quanto português. A fim de reduzir o número de artigos a serem analisados, a data de publicação foi delimitada em uma faixa entre os anos de 2015-2023.

A partir dos títulos e resumos encontrados, excluíram-se aqueles que não foram publicados na faixa escolhida ou não abordavam diretamente o tema proposto. Dessa maneira, foram escolhidos para leitura 23 artigos, dos quais, 12 foram selecionados para a realização deste trabalho. Todos percorrendo sobre plantas medicinais e o seu uso durante o período gestacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra final do estudo foi composta por 12 artigos que abordam diretamente a temática relacionada à utilização de plantas medicinais durante a gestação. Para melhor visualização, foi realizada uma análise crítica verificando as ervas medicinais usadas na gravidez que eram mencionadas por no mínimo 3 autores na literatura e seus respectivos efeitos adversos (Quadro 1).

Quadro 1. Categorização das plantas medicinais quanto aos efeitos adversos e autor/ano.

Nome popular	Efeitos adversos	Referência
Alecrim	Abortiva	Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Silva <i>et al.</i> , 2017 Zampirolli <i>et al.</i> , 2017 Gorril <i>et al.</i> , 2016
Boldo do chile	Teratogênico, abortivo, embriotóxico e contração uterina	Araújo <i>et al.</i> , 2022 Freitas, 2022 Arruda <i>et al.</i> , 2021 Nunes e Silva, 2021 Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Araújo <i>et al.</i> , 2016 Gorril <i>et al.</i> , 2016 Borges e Oliveira, 2015
Buchinha-do-norte	Embriotóxica e abortiva	Nunes e Silva, 2021 Gorril <i>et al.</i> , 2016 Borges e Oliveira, 2015
Canela	Abortivo e emenagogo	Araújo <i>et al.</i> , 2022 Nunes e Silva, 2021 Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Borges e Oliveira, 2015
Camomila	Relaxante para a musculatura uterina e emenagogo	Arruda <i>et al.</i> , 2021 Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Silva <i>et al.</i> , 2017 Zampirolli <i>et al.</i> , 2017 Araújo <i>et al.</i> , 2016 Borges e Oliveira, 2015
Capim limão	Abortivo e relaxante para a musculatura uterina	Araújo <i>et al.</i> , 2022 Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Zampirolli <i>et al.</i> , 2017 Araújo <i>et al.</i> , 2016
Carqueja	Abortiva e relaxante para a musculatura uterina	Araújo <i>et al.</i> , 2022 Araújo <i>et al.</i> , 2016 Gorril <i>et al.</i> , 2016
Erva-doce	Abortivo e relaxante para a musculatura uterina	Araújo <i>et al.</i> , 2022 Arruda <i>et al.</i> , 2021 Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Zampirolli <i>et al.</i> , 2017
Erva-cidreira	Relaxante para a musculatura uterina	Freitas, 2022 Arruda <i>et al.</i> , 2021 Nunes e Silva, 2021 Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Araújo <i>et al.</i> , 2016

Gengibre	Teratogênico e Abortivo	Araújo <i>et al.</i> , 2022 Freitas, 2022 Silva e Guedes, 2022 Arruda <i>et al.</i> , 2021 Duarte <i>et al.</i> , 2017 Gorril <i>et al.</i> , 2016
Hortelã	Abortivo	Araújo <i>et al.</i> , 2022 Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Silva <i>et al.</i> , 2017 Zampirolli <i>et al.</i> , 2017
Poejo	Abortivo	Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Silva <i>et al.</i> , 2017 Zampirolli <i>et al.</i> , 2017
Romã	Teratogênico e Abortivo	Araújo <i>et al.</i> , 2022 Carvalho <i>et al.</i> , 2020 Gorril <i>et al.</i> , 2016
Sene	Abortiva	Silva e Guedes, 2022 Duarte <i>et al.</i> , 2017 Borges e Oliveira, 2015

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Para compor o Quadro 1, foram selecionadas 14 plantas medicinais. Destes, o boldo foi o mais utilizado durante a gestação, sendo mencionado em 8 artigos, seguido do gengibre com 6 citações e a camomila e erva-cidreira mencionadas por 5 autores. Por outro lado, o alecrim, canela, capim limão, erva-doce e hortelã tiveram seu uso apontado por 4 artigos, enquanto a buchinha-do-norte, carqueja, poejo, romã e sene, foram relatados por 3 autores o consumo no período gestacional.

Das 14 espécies selecionadas, 12 possuem efeito abortivo. Contudo, enquanto o alecrim, hortelã, poejo e sene possuem apenas o aborto como reação adversa, outras plantas como boldo do chile podem apresentar efeitos teratogênicos, embriotóxicos e de contração uterina, além do abortivo. A buchinha-do-norte também pode ser embriotóxica, a carqueja relaxante da musculatura uterina, a canela emenagogo, o capim-limão e a erva-doce relaxante da musculatura uterina e o gengibre e a romã podem apresentar efeitos teratogênicos. Por outro lado, a erva-cidreira apresenta-se apenas como relaxante para a musculatura uterina e a camomila como emenagogo e relaxante do útero.

De acordo com Zampirolli *et al.* (2017), em um estudo com 115 gestantes, 17% das mulheres entrevistadas relataram o consumo de chás e utilizaram pelo menos um tipo durante o período gestacional. Além disso, quando questionadas sobre as propriedades dos chás, 85% afirmaram saber sobre seus respectivos efeitos, enquanto 15% relataram

utilizar sem ter esse conhecimento. Por outro lado, Carvalho *et al.* (2020), ao questionar grávidas quanto ao uso das plantas medicinais, mais da metade das entrevistadas afirmaram não informar ao seu médico sobre a utilização de chás, pois alegaram conhecer a planta.

Nesta perspectiva, Zampirolli *et al.* (2017), Carvalho *et al.* (2020), Silva *et al.* (2017) e Gorril *et al.* (2016) relatam o uso do chá de alecrim durante o período gestacional e apontam sua contraindicação, tendo em vista o efeito abortivo que a mesma apresenta.

Araújo e colaboradores (2016), entrevistaram 178 gestantes e identificaram que 30,9% das mulheres questionadas relataram o uso de plantas medicinais, no qual destas 35,4% afirmaram ter utilizado o boldo do chile. O principal efeito adverso destacado foi o teratogênico e o abortivo. Por outro lado, Gorril *et al.* (2016) destacaram que o uso do boldo durante a gestação provoca contração uterina e risco de aborto, enquanto, Araújo *et al.* (2022) afirmam a necessidade de restrições quanto ao uso do boldo na gravidez, visto que apresenta substâncias tóxicas que podem induzir experiências abortivas nas gestantes, além de incitar ações embriotóxicas e teratogênicas. Arruda *et al.* (2021) relatam que o boldo está em quarto lugar na escala de plantas mais consumida por gestantes e afirmam que a mesma pode levar ao aborto. Semelhantemente, Freitas (2022), Nunes e Silva (2021), Carvalho *et al.* (2020) e Borges e Oliveira (2015) apontam em seus estudos a utilização do boldo do chile e destacam o aborto como a principal contraindicação para seu uso no período gestacional.

De acordo com Gorril *et al.* (2016), entre as plantas mais citadas na literatura científica se encontra a buchinha-do-norte sendo ela comumente utilizada pelas comunidades. Rica em glicoproteínas, essa planta está entre as espécies que apresentam maior utilização durante a gravidez, contudo, apresenta ação embriotóxica e é uma das plantas mais utilizadas como abortivas no Brasil. Ademais, Nunes e Silva (2021) e Borges e Oliveira (2015), também destacam seu efeito abortivo.

Araújo *et al.* (2022) relatam que a canela possui substâncias capazes de provocar fortes contrações uterinas que resultam em reações emenagogas. Assim, seu uso durante a gravidez deve ser restringido para evitar a ocorrência de abortos espontâneos e assegurar a saúde materno-fetal. O autor também menciona a canela como uma das dez ervas medicinais no RENISUS mais perigosas para a saúde da gestante por possuir caráter emenagogo e abortivo. Nessa perspectiva, Nunes e Silva (2021), Carvalho *et al.* (2020) e Borges e Oliveira (2015) também explanaram sobre o uso da canela durante a gestação e apontam seu efeito abortivo.



Por outro lado, Arruda *et al.* (2021), destacaram a camomila como a planta mais consumida pelas gestantes no primeiro trimestre de gestação, sendo mais usadas para alívio de cólica e como tranquilizante. Ademais, Carvalho *et al.* (2020) e Silva *et al.* (2017) descrevem que a camomila é contraindicada na gravidez, enquanto, Zampirolli *et al.* (2017), Araújo *et al.* (2016) e Borges e Oliveira (2015) discorrem sobre seu efeito emenagoga e relaxante do útero que são prejudiciais durante a gestação.

O capim-limão, por sua vez, os autores Araújo *et al.* (2022) e Carvalho *et al.* (2020), relatam seu uso na gestação e apontam seu efeito abortivo, enquanto, Zampirolli *et al.* (2017) e Araújo *et al.* (2016) o descrevem apenas como um relaxante para a musculatura uterina.

O chá de carqueja é útil para extinguir dores de barriga ou de cabeça, estresse e insônia, gerados por mudanças fisiológicas, no entanto, possui efeitos adversos que comprovadamente podem provocar o aborto (Araújo *et al.*, 2022). Semelhantemente, os autores Araújo *et al.* (2016) e Gorril *et al.* (2016) observaram em seus estudos que a carqueja pode induzir o aborto devido às suas propriedades uterotônicas.

Segundo Zampirolli *et al.* (2017), a erva-doce foi a segunda planta medicinal mais usada pelas grávidas em seu estudo. Todavia, de acordo com Araújo *et al.* (2022), além de ter efeito abortivo, a erva-doce não é recomendada nas primeiras semanas de gravidez pois possui a capacidade de promover o relaxamento da musculatura uterina, dificultando a implantação do embrião. Do mesmo modo, Gorril *et al.* (2016), relatam que seu consumo é contraindicado durante a gestação por provocar o relaxamento do útero, estimular o sangramento e o aborto espontâneo. Enquanto Carvalho *et al.* (2020), evidenciam seu efeito abortivo.

Arruda *et al.* (2021) apontam a erva-cidreira como a segunda planta mais consumida pelas gestantes, sendo que estas relataram não ter conhecimento de sua capacidade de provocar relaxamento do útero. Além do mais, Freitas (2022), destaca a eficiência da erva-cidreira nas cólicas uterinas e intestinais, contudo, por promover o relaxamento do tecido muscular liso seu uso é considerado um risco para as gestantes. Nunes e Silva (2021) e Carvalho *et al.* (2020) mencionam o uso da erva-cidreira e a sua contraindicação durante a gestação, assim como o efeito relaxante da musculatura uterina. Em contrapartida, Araújo *et al.* (2016) relatam que não foram encontrados efeitos abortivos ou teratogênicos para a espécie.

De acordo com Araújo e colaboradores (2022), as gestantes geralmente procuram pelo gengibre com o

objetivo de tratar enjoos e náuseas, no entanto, por vezes, não sabendo do seu efeito adverso de que quando usadas em grandes quantidades pode provocar intoxicações que podem levar a ocorrência de abortos. Além disso, alegam que o uso do chá de gengibre não deve ser recomendado durante a gestação por ser capaz de surtir resultados deletérios destacando, assim, seus efeitos abortivos e teratogênicos. Gorril *et al.* (2016), Arruda *et al.* (2021) e Feitas (2022) também discorrem sobre os riscos de consumir o gengibre na gravidez, mas não citam nenhum efeito adverso específico. Em contrapartida, Duarte *et al.* (2017) ao abordarem a questão do uso do gengibre no período gestacional, encontraram um estudo com 187 mulheres e compararam grávidas que usaram e que não usaram o gengibre e observaram que não houve diferença estatística entre os dois grupos com relação ao feto em termos de número de abortos espontâneos e número de natimortos. Similarmente, Silva e Guedes (2022) alegam que o uso do gengibre contra náuseas e vômitos se revela como alternativa segura e de baixo custo na gravidez, mas não excluem a importância do acompanhamento de um profissional de saúde e nem a necessidade de se realizar mais estudos clínicos.

Apesar da hortelã possuir muitos benefícios e propriedades terapêuticas que colocam em destaque sua ação antimicrobiana e estimulante, no tratamento de náuseas, vômitos, resfriados e gases, seu uso indiscriminado durante a gestação estimula o aborto. Isso se deve, principalmente pelo fato de a composição da hortelã possuir metabólitos chamados de terpenoides, que são responsáveis por estimular o relaxamento da musculatura uterina, o que impossibilita que o embrião se fixe na parede uterina, e como consequência a planta acaba induzindo abortos espontâneos (Araújo *et al.*, 2022). Do mesmo modo, Zampirolli *et al.* (2017), Carvalho *et al.* (2020) e Silva *et al.* (2017) mencionam o consumo da hortelã na gestação e apontam seu efeito abortivo.

Segundo os estudos de Zampirolli *et al.* (2017), Silva *et al.* (2017) e Carvalho *et al.* (2020) o poejo é relatado como uma planta medicinal com efeito potencialmente abortivo, no qual as mulheres grávidas consomem por não ter conhecimento sobre o efeito ou por indicações de familiares.

Por outro lado, de acordo com Araújo e colaboradores (2022), a romã é uma planta conhecida por uma pequena parte da população que apresenta capacidade teratogênica e abortiva nas usuárias gestantes que é considerada potencialmente grave. Ademais, Carvalho *et al.* (2020) e Gorril *et al.* (2016) destacam o uso da espécie durante a gestação e informam sobre o efeito abortivo que a planta possui.



Silva e Guedes (2022), Duarte *et al.* (2017) e Borges e Oliveira (2015) mencionam o sene com uma espécie vegetal que contém antraquinonas e por isso são muito utilizadas como laxantes por mulheres grávidas. Entretanto, seu uso precisa ser feito com muito cuidado no primeiro trimestre, pois essa planta pode induzir as contrações uterinas e o aborto. Chegando, inclusive, a ser usado com finalidade abortiva por algumas mulheres.

A Resolução SES/RJ n.º 1757 foi elaborada pelo Programa Estadual de Plantas Medicinais/PROPLAM, desta Secretaria e dispõe de uma lista sobre algumas espécies medicinais realizada por meio de um levantamento bibliográfico em literatura científica que considera o potencial tóxico, teratogênico e abortivo de diversas espécies vegetais medicinais contraindicadas na gestação e lactação. Nesta perspectiva, das 14 espécies identificadas no quadro 1, 10 foram descritas na Resolução SES/RJ n.º 1757 e apontadas sua justificativa para a contraindicação na gestação. Apenas a buchinha-do-norte, canela, erva-cidreira e gengibre não foram listadas e por isso não tiveram seus efeitos adversos descritos. Além do mais, das 4 espécies que foram não mencionadas, o gengibre foi o único que no estudo apresentou resultados controversos quanto ao risco do seu consumo durante a gravidez.

CONCLUSÃO

O presente estudo atestou que as gestantes necessitam de uma orientação especial dos profissionais de saúde, tendo em vista que as plantas medicinais utilizadas de forma irracional, podem oferecer riscos durante o período gestacional. Os principais efeitos adversos aos quais as gestantes estão expostas estão relacionados ao potencial abortivo, seguindo dos efeitos relaxante da musculatura uterina, teratogênico, embriotóxico e emenagogo. Ademais, o boldo-do-chile, gengibre, camomila e erva-cidreira foram são as espécies mais utilizadas durante a gestação, pois estão entre as mais citadas nas publicações científicas dentro deste contexto, sendo o boldo-do-chile a planta medicinal com mais reação adversa. Nesta perspectiva, das espécies citadas neste trabalho, todas podem ser facilmente encontradas em supermercados, feiras livres ou até mesmo em cultivo próprio. Portanto, conclui-se a necessidade de realizar novos estudos pré-clínicos que investiguem de forma mais aprofundada os efeitos adversos causados pelo consumo dessas plantas durante a gestação, especialmente no que diz respeito ao princípio ativo responsável pelo risco e a toxicidade, para que assim, seja comprovando de forma segura, a eficácia e a dosagem recomendada para o consumo dessas plantas durante o período gestacional.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. R. F.; SANTIAGO, F. G.; PEIXOTO, M. I.; OLIVEIRA, J. O. D.; COUTINHO, M. S. Use of Medicinal Plants with Teratogenic and Abortive Effects by Pregnant Women in a City in Northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetria**, v.38, n.3, 2016.
- ARAÚJO, I. S.; FRANÇA, M. I.; SOUZA, T. F. M. P. Efeito de uso de plantas medicinais em gestantes: uma revisão. **Research, Society and Development**, v.11, n.14, 2022.
- ARRUDA, R. L.; GARCIA, N. O. S.; ARRUDA, E. L.; CONCEIÇÃO, E. C. Utilização de plantas medicinais na gravidez e amamentação: revisão integrativa. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, v.8, p.487-497, 2021.
- BORGES, F. A. M.; OLIVEIRA, V. B. Riscos Associados ao Uso de Plantas Medicinais Durante o Período da Gestação: uma Revisão. **Revista UNIANDRADE**, v. 12, n.2, p.101-108, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro. **Resolução nº 1757, de 18 de fevereiro de 2002**. Dispõe sobre contraindicação do uso de plantas medicinais no âmbito do estado do rio de janeiro e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Brasília, 2002. Disponível em: <https://abfit.org.br/legisla%C3%A7%C3%A3o-e-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas/saude/resolu%C3%A7%C3%A3o-ses-rj-n%C2%BA-1757>. Acesso 18 abr. 2024.
- CAMPOS, P. S. S.; CORREIA, R.; MARISCO, G. Plantas Medicinais Utilizadas por Quilombolas na Gestação e Lactação, e Riscos no Uso indiscriminado. **Revista Contexto & Saúde**, v. 20, n. 40, p.236-243, 2020.
- CARVALHO, N. S.; BEZERRA, A. N.; VIANA, A. C. C.; MORAIS, S. R.; AZEVEDO, D. V. Percepção de gestantes quanto ao uso de plantas medicinais e fitoterápicos: Uma revisão integrativa da literatura. **Brazilian Journal of health Review**, v.3, n.4, p.9282-9298, 2020.
- DUARTE, A. F. S.; MARTINS, A. L. C.; MIGUEL, M. D.; MIGUEL, O. G. O uso de plantas medicinais durante a gravidez e amamentação. **Visão Acadêmica**, v.18, n.4, 2017.
- FERREIRA, A. A.; VASCONCELOS, T. C. L. O uso irracional de plantas medicinais: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v.11, n.8, 2022.
- FREITAS, L. A. A. Plantas medicinais durante a gestação: práticas e saberes. In: SILVA, C. D. D.; MOTA, D. A. **Ciências da vida: estudo das plantas, animais e seres humanos**. Paraná: Atena, 2022.



GORRIL, L. E.; JACOMASSI, E.; MELLA JUNIOR, S. E.; DALSENTER, P. R.; GASPAROTTO JUNIOR, A.; LOURENÇO, E. L. B. Risco das plantas medicinais na gestação: uma revisão dos dados de acesso livre em língua portuguesa. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, v. 20, n. 1, p.67-72, 2016.

LEAL, L. R.; TELLIS, C. J. M. Farmacovigilância de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: uma breve revisão. **Revista Fitos**, v. 9, p. 253-303, 2015.

NUNES, A. M. M.; SILVA, V. A. O uso de plantas abortivas no nordeste brasileiro: uma revisão. **ETHNOSCIENTIA**, v.6, n.2, 2021.

NUNES, J.; MACIEL, M. A importância da informação do profissional de enfermagem sobre o cuidado no uso das plantas medicinais: uma revisão da literatura. **Revista Fitos**, v.10, p. 375-547, 2016.

PEDROSO, R. S.; ANDRADE, G.; PIRES, R. H. Plantas medicinais: uma abordagem sobre o uso seguro e racional. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, n. 02, 2021.

SILVA, M. S. C.; GUEDES, J. P. M. Segurança no uso de plantas medicinais e fitoterápicos durante a gestação. **Research, Society and Development**, v.11, n.7, 2022.

SILVA, P. L. N.; OLIVEIRA, J. S.; SANTOS, A. P. O; VAZ, M. D. T. Cuidados pré-natais e puerperais às gestantes de um centro de saúde de Minas Gerais quanto ao risco de pré-eclâmpsia: aspectos clínicos, nutricionais e terapêuticos. **Journal of Health & Biological Sciences**, v.4, n.4, p.346-351, 2017.

VILELA, M. C.; ARAÚJO, B. C.; GIL, F. R. Uso de plantas medicinais na gestação: uma revisão de literatura. **Saúde em foco: Temas contemporâneos**, v. 3, p. 686-695, 2020.

ZAMPIROLI, A. C. D.; OLIVEIRA, M. V. L.; MARIANI, N. A. P.; MEIRA, E. F.; MEIRA, F. D. M. S. Utilização de medicamentos e plantas medicinais por gestantes atendidas na unidade de saúde da mulher em Alegre, ES, Brasil. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, v.29, n.4, p.349-356, 2017.